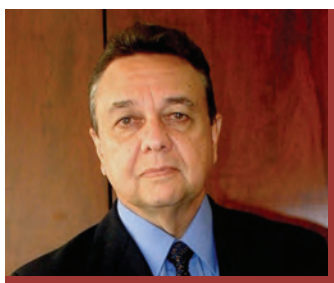


Diário de bordo

Boas novas no leite



Roberto Rodrigues*

RECENTE NOTICIÁRIO dá conta que também o segmento industrial do setor lácteo será objeto de concentração no Brasil, assim como outros capítulos do agronegócio, como carnes, sucoenergéticos, sucos, fertilizantes e sementes, entre outros. Não é novidade e faz parte de um processo irreversível determinado pela globalização e pela competitividade.

Este é um setor da maior importância para o agronegócio brasileiro, particularmente porque tem tudo a ver com saúde pública, na medida em que é base da alimentação infantil e é usado por todas as camadas da população, sendo, inclusive, objeto de políticas governamentais distributivistas.

Há tempos vimos defendendo que o sucesso da cadeia leiteira depende de alguns fatores essenciais óbvios: tecnologia (para maior produtividade), sanidade, escala e gestão. E todos esses temas vem sendo contemplados com vigor pelas áreas privadas e governamentais participantes da cadeia produtiva.

Nos últimos dez anos, de acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), saímos de um consumo *per capita* de leite fluido no Brasil de 74,9 litros para 80,8 litros, um salto de 8%. Em outros países, o consumo é maior: Austrália, 105 litros; Canadá, 89,9 litros; EUA, 94,7 litros; Nova Zelândia, 84,5 litros e Ucrânia, 106,3 litros.

A produtividade também cresceu: era de 1.230 litros/vaca/ano há dez anos e hoje é de 1.617 litros/vaca/ano. Este crescimento foi de 2,8% ao ano, enquanto na Austrália cresceu 1,5% ao ano, no Canadá 2,1%, nos EUA 1,7% e na União Europeia 1,9%. Mas temos muito que avançar porque esse crescimento parte de uma base extremamente baixa: a produtividade média dos países citados superou 7.000 litros.

Para 2010, a estimativa de nossa produção é de 31,8 bilhões de litros para um consumo de 27,93 bilhões de litros e poderemos exportar parte do excedente, segundo o Ministério da Agricultura.

O Brasil é um dos poucos países do mundo que apresentam condições favoráveis de ampliar sua produção a ponto de gerar grandes excedentes, mas precisamos aprender a fazer conta para produzir barato. Quem encontrar o caminho ganhará dinheiro.

Até porque esse é o ponto mais relevante, a renda do produtor de leite, elo principal de toda a cadeia.

Leite nunca foi um produto com preços remuneradores para todos os produtores e somente aqueles que conseguem atender aos quatro fatores já referidos (inclusive e/ou principalmente por meio de suas cooperativas) são capazes de evoluir sustentavelmente na atividade.

Mesmo assim, 2010 é aparentemente melhor que o ano passado para os pecuaristas. Com o aumento estimado de 5% do PIB brasileiro deste ano, com certeza crescerá a demanda por leite. Além disso, a safra de grãos é recorde (milho e soja), o que tende a reduzir os custos de produção de proteína animal.

Ora, custo menor e demanda maior são dois bons indicadores de melhor renda, até eventualmente de melhor preço, o que, aliás, já se mostra no leite em pó (US\$ 3.500/ton.), o segundo melhor preço da história. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Tecnologia e resultado



Cesário Ramalho da Silva*

DO PONTO de vista institucional, o Brasil precisa de um evento com a capacidade de mostrar a grandeza e a força do seu agronegócio no mercado doméstico e na comunidade internacional.

Ininterruptamente, ao longo de 17 anos, a Agrishow está presente na vida do produtor e empresário rural. Serve como plataforma de tecnologia, informações e serviços. Foi com base nesse compromisso histórico que aceitei o convite para presidir a feira a partir da edição do ano passado.

Com a competitividade cada vez mais acirrada e atrelada a novos atributos, especialmente sociais e ambientais, é essencial o produtor manter-se atualizado em relação a novas exigências dos mercados e às soluções disponíveis para atendê-las.

Preços são voláteis, mas a escolha de ser eficiente é uma decisão que está mais nas mãos do produtor do que no humor dos mercados. O produtor não pode, jamais, descuidar da qualidade dos processos e do produto que entrega.

Ao criar uma ponte entre a produção rural e as ferramentas e processos necessários à sustentabilidade do agro, a Agrishow contribui para que o produtor transforme conhecimento em resultados, com foco no desenvolvimento sustentável.

Como o principal evento de arranque para a grande safra de grãos do País é na Agrishow que o produtor se atualiza para tomar a sua melhor decisão de plantio. É a

oportunidade das empresas investirem na divulgação de seus produtos e serviços, na interação com os clientes, a fim de criar um ambiente favorável a novos negócios.

Como uma mostra ampla de produtos e serviços, a feira vai além das grandes máquinas agrícolas. São sementes, fertilizantes, defensivos e educação, por meio de palestras, cursos, treinamentos, *workshops* e rodadas de negócios. Isso sem contar as dinâmicas, desde o preparo do solo até a colheita, com *test-drive* de máquinas e equipamentos e orientações sobre manejo.

O expressivo e rico mosaico de expositores faz da feira uma central de inteligência agrônômica, tecnológica, financeira, jurídica, de comunicação e *marketing*, entre outras áreas cruciais para a competitividade do agronegócio. São fabricantes, consultorias, bancos, universidades, institutos de pesquisa, agentes do mercado de capitais, órgãos públicos, veículos de comunicação, nacionais e estrangeiros a disposição do produtor.

Nesta edição 2010, o produtor rural verá de perto o empenho dos organizadores – Abag, Anda, Abimaq e SRB – para fazer uma Agrishow cada vez melhor e mais completa.

A feira terá uma área 50% maior em comparação à das edições passadas, com a presença de mais de 730 expositores e a realização de aproximadamente 800 demonstrações de campo. Foram gerados cinco mil empregos diretos nos preparativos e montagem e outras 12 mil oportunidades de trabalho serão abertas durante a realização.

Os investimentos em infraestrutura fixa são o termômetro de que a feira receberá mais recursos nos próximos anos. O compromisso do governo do estado de São Paulo, da Secretaria de Agricultura, das entidades organizadoras, da prefeitura e principalmente da população de Ribeirão Preto e região nos dá a certeza de que a Agrishow continua firme na sua rota de crescimento, saindo do segundo lugar para assumir o posto de maior feira do agronegócio mundial. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

Opinião

Migração de cultura



João Sampaio*

A ALTERAÇÃO da paisagem agrícola, reproduzida na literatura brasileira por Monteiro Lobato, no seu livro *Cidades Mortas*, quando descreve o declínio da cafeicultura predominante no Vale do Paraíba no século 19, tornou-se um retrato da melancolia econômica que abateu a região. Mas a literatura ainda não retratou o movimento oposto, da ocorrência de desenvolvimento devido à introdução de novas plataformas produtivas locais.

Naquele tempo, os ciclos se davam de forma lenta. No entanto, nos últimos quarenta anos, a migração de culturas provocou revoluções econômicas e tecnológicas regionais mais intensas e rápidas.

O café começou no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, passou pelo Vale do Paraíba, em 200 anos chegou à Mogiana, migrou para o Paraná, e hoje está no oeste da Bahia. A última parte transcorrida no século passado. A cultura foi a base da industrialização de São Paulo, fez a colonização do norte do Paraná e proporciona o *boom* econômico do Cerrado baiano. Cidades como Barreiras e Luis Eduardo Magalhães estão no mapa da produção e influenciam o preço das principais *commodities* agrícolas no mundo.

O algodão teve importância em São Paulo, que já foi o maior produtor da fibra no País, com suas principais variedades produzidas pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), órgão da Secretaria de Estado de Agricultura. Atualmente, a cultura con-

quistou o Centro-Oeste, com características diferenciadas pelo adensamento e atendimento a nichos de mercado.

A soja e o milho também transformaram economicamente o Centro-Oeste. O município de Campo Verde, no estado de Mato Grosso, emancipado há 21 anos, que se chamava Posto Paraná, não passava de um distrito da Chapada dos Guimarães. Atualmente, com 30 mil habitantes, tem bons índices de qualidade de vida, com área urbana 100% servida de água encanada e energia elétrica.

O impacto pode ser medido pela renda *per capita* dessas regiões, bem como pelo desenvolvimento educacional. O crescimento dos cursos de MBA em Agronegócio e Administração e a utilização de novas ferramentas de comercialização são exemplos ilustrativos da mudança da paisagem social, acompanhando a evolução agrícola.

A fruticultura, que consolidou a chamada reforma agrária produtiva na região de Campinas, onde predominam as pequenas propriedades familiares de alta rentabilidade, hoje se multiplica em Petrolina (PE). A produção de flores na tradicional Holambra, também na região de Campinas, agora colore os campos do Ceará e transforma a sua realidade árida.

A alcunha Mapito, combinação dos estados do Maranhão, Piauí e Tocantins, a nova fronteira do desenvolvimento econômico conduzido pela consolidação agrícola, demonstrará, mais uma vez, que a migração de culturas e a introdução de novas variedades e tecnologias de cultivo são capazes de transformar a realidade de toda uma região.

Além de responsável pela ocupação e expansão, a agricultura é uma atividade econômica transformadora de realidades, ao promover o desenvolvimento de outros ramos industriais e de serviços. A partir do momento em que a sociedade urbana compreender essa dinâmica, e que o agronegócio se comunique melhor com as cidades, será mais fácil a construção de uma sociedade mais justa, a começar pelo seu desenvolvimento local. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo